

Idioma-imagem na gravura de Magliani

Magliani's prints

MARISTELA SALVATORI*

Artigo completo submetido a 07 de Fevereiro de 2019 e aprovado a 21 janeiro de 2019

*Brasil, artista visual, professor.

AFILIAÇÃO: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV), Rua Senhor dos Passos, 246, CEP 90020-180, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: maristela.salvatori@ufrgs.br

Resumo: Este artigo aborda a produção poética da artista brasileira Maria Lídia Magliani, dando destaque a obras em gravura. A artista, mais conhecida por sua pintura, transitou com bastante liberdade por diferentes mídias e deixou um rico legado em pinturas, desenhos, gravuras e objetos. Recusando rotulações e limitações, com linguagem visceral e profusão de obras, Magliani tornou-se uma artista de referência para toda uma geração.

Palavras chave: Magliani / arte contemporânea / gravura.

Abstract: *This article approaches the poetic production of the Brazilian artist Maria Lídia Magliani, highlighting prints works. The artist, better known for her painting, moved quite freely in different media and left a rich legacy in paintings, drawings, prints and objects. Refusing labeling and limitations, with visceral language and profusion of works, Magliani has become a reference artist for a whole generation.*

Keywords: *Magliani / contemporary art / print-making.*

A artista brasileira Magliani (Maria Lúcia dos Santos Magliani, Pelotas, 1946 — Rio de Janeiro, 2012), deixou um vasto e rico legado artístico afirmado em uma linguagem visceral. Reconhecendo-se essencialmente pintora, Magliani transitou com liberdade por diferentes meios, produziu intensamente, recusou rotulações e limitações, tornando-se uma artista de referência para toda uma geração.

Nascida em Pelotas, mudou-se ainda criança para Porto Alegre e em 1963, aos 17 anos, iniciou o curso de Artes Plásticas no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (IA/UFRGS). Contou com o incentivo do professor Ado Malagoli com quem, posteriormente, especializou-se em Pintura. Ainda estudante começou a expor e receber destaques por sua produção artística. Teria sido a primeira aluna negra a formar-se no Instituto de Artes.

No Brasil, em 1964 um golpe havia destituído o governo e implantado uma ditadura militar, tendo sido bastante lento o processo de redemocratização do país. Em 1985, por uma ironia do destino, em plena abertura política, a última eleição indireta do país elegeu um presidente civil que veio a falecer antes de assumir o cargo, levando, novamente, um general ao poder. Vivendo sua juventude em plena ditadura militar brasileira, um momento marcado por censura, exílios, repressão policial, tortura e mortes, Magliani buscou seu caminho em diferentes frentes. Seu contato e amizade com o diretor de teatro Ivo Bender (São Leopoldo, 1936 — Porto Alegre, 2018) em 1972 levou-a a interpretar Tírsias, o adivinho cego, na peça *Antígona*, de Sófocles, dirigida por Bender e acompanhada por um importante elenco, com Caio Fernando Abreu, Romanita Disconzi, Vaniá Brown e Alba Lunardon, entre outros. Bender recorda que Magliani “como atriz, era intuitiva e muito disciplinada” e que “Sua figura e interpretação foram o momento mais impactante do espetáculo. Magliani era assim: transitava tranquila e eficiente das artes plásticas ao teatro, passando pelo canto nas rodas de amigos.” (Ivo Bender apud *Depoimentos*, s/d).

Magliani teve sucessivas participações na cena teatral porto-alegrense integrando várias peças. Protagonizou a montagem de *O Negrinho do Pastoreio*, uma lenda gaúcha adaptada de conto de Simões Lopes Neto, com direção de Delmar Mancuso. Também criou numerosos cenários e figurinos. Em 2010, questionada por Michele Rolim quanto à influência do teatro em sua produção, Magliani declarou: “Estar no palco me trouxe uma nova maneira de perceber o espaço que passou a fazer parte do espaço na pintura.” (entrevista a Michele Rolim, *Jornal do Comércio*, Porto Alegre, 2010. apud *Entrevistas*, s/d).

Conforme pontua o artista Julio Castro, Magliani “viveu intensamente as transformações sociais e políticas ocorridas entre os anos 60 e 70 do século passado, como a luta pelos direitos civis, a liberação feminina etc.”. Amigo

pessoal da artista, Julio Castro também observa que: “Na Bienal de 67, Magliani vai pra São Paulo e fica impactada com os artistas pop americanos, entre eles, Jasper Johns, James Rosenquist, Andy Wharhol” (extrato de projeto de captação confiado à autora).

Convive e aproxima-se do escritor Caio Fernando Abreu (Santiago, 1948 — Porto Alegre, 1996) para quem, em 1974, faz ilustrações para o livro *O Inventário do Irremediável*. No mesmo ano ainda produz capas e ilustrações para livros de Sergio Caparelli (Uberlândia, 1947). Produz intensamente atuando como ilustradora, e também como diagramadora em jornais como Folha da Manhã e Zero Hora, de Porto Alegre, e Folha de São Paulo.

Artista inquieta, no início dos anos 80 do século XX, mudou-se para São Paulo. Posteriormente, morou seis anos em Tiradentes, Minas Gerais, e, a partir de 1998, no Rio de Janeiro. Com muitas idas e vindas a Porto Alegre, conforme a própria Magliani, seu sentimento era de estar sempre em movimento: “Não mudei para o Rio; apenas estou aqui no momento, não lembro desde quando e nem sei por quanto tempo, como estive em outros lugares. Gosto de pensar que vivo em movimento, em direção a.” (entrevista a Michele Rolim, *Jornal do Comércio*, Porto Alegre, 2010. apud *Entrevistas*, s/d).

Ídioma-imagem

A obra de Magliani é visceral, quase um grito, ora em nuances taciturnas ou em dramáticos contrastes de preto e branco, ora em explosões de cor, apresentando manchas e grafismos em representações de rostos e corpos dilacerados, amarrados, sufocados, martirizados, cabeças transformadas em serrotes, plantas, vasos, guarda-chuvas, entre outros.

Em conversa no Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS), em 1987, por ocasião de sua exposição individual *Auto-retrato dentro da jaula*, questionada por Milton Kurtz (Santa Maria, 1951 — 1996) sobre a racionalidade em seu trabalho, Magliani responde que, apesar de parecer um trabalho “intuitivo, impulsivo mesmo”, é fruto de elaboração e escolhas: “O que aparece como espontâneo na minha pintura é na verdade fruto de muita elaboração plástica e gráfica.”

Na mesma matéria, a artista, entrevistada pelo jornalista João Carlos Tiburski, editor do Boletim Informativo do MARGS, contesta o “falar tanto sobre uma linguagem que não pertence ao mundo das palavras”, declarando: “Não entendo a necessidade da palavra autenticando ou explicando a imagem, uma linguagem dependendo de outra.”. Comenta que ela traz questões, não as explica, e afirma: “Meu idioma é a imagem, a forma, a procura de um alfabeto



Figura 1 · Magliani, *sem título*, xilogravura, 1980. Ilustração para o livro *O círculo do suicida*, de Eduardo San Martín. Fonte: Estudio Dezenove (<https://www.estudiodezenove.com/cronologia.html>)

Figura 2 · Magliani, *sem título*, xilogravura, 1980. Ilustração para o livro *O círculo do suicida*, de Eduardo San Martín. Fonte: Estudio Dezenove (<https://www.estudiodezenove.com/cronologia.html>)



Figura 3 · Magliani, *sem título*, xilogravura, 1980. Ilustração para o livro *O círculo do suicida*, de Eduardo San Martín. Fonte: Estudio Dezenove (<https://www.estudiodezenove.com/cronologia.html>)

Figura 4 · Magliani, *sem título*, xilogravura, 1980 capa do livro *O círculo do suicida*. Fonte: Estudio Dezenove (<https://www.estudiodezenove.com/cronologia.html>)

próprio através da cor. O que eu penso e elaboro está no meu trabalho, o que eu tentar decodificar é redundância.” (apud *Entrevistas*, s/d).

Muito antes disto, em 1977, em depoimento publicado em Boletim Informativo do MARGS, Magliani manifestara o desejo de trabalhar com gravura mas lamentava as dificuldades técnicas implicadas (apud *Entrevistas*, s/d). Justamente, embora Magliani seja mais conhecida por sua pintura, sua produção foi profícua em pinturas, desenhos, gravuras e objetos e, dentre o expressivo volume de obras deixado pela artista, a produção em gravuras ocupa um espaço privilegiado, concentrando-se nos anos 1980 e a partir de 2009. Se, como salienta o jornalista Omar Barros Filho, em depoimento em 2016, “a variedade dos temas abordados por” Magliani indica “como os editores dos jornais locais trabalhavam naquela época”, as ilustrações que fez “para obras literárias, antes de tudo mostram os primeiros passos da artista e a profundidade de seu amor por aqueles que com ela dividiam suas melhores fantasias” (Omar Barros Filho apud *Depoimentos*, s/d).

A série de linoleogravuras (Figura 1, Figura 2, Figura 3, Figura 4), de 1980, que serviram de capa e ilustrações para o livro de poesias *O Círculo do Suicida*, de Eduardo San Martin (Porto Alegre, 1953), é uma verdadeira preciosidade. Trazendo elementos comuns à sua poética, a série de imagens de pequena dimensão e de cortes nervosos mas precisos foi impressa em delicado e fino papel de arroz. Nelas, com a dramaticidade do contraste do preto e branco, encontram-se representadas mesas de bar, amarras, gilete, expressões de grito e figuras retorcidas em tormento.

Magliani realiza litografias, gravuras em relevo (linóleos e xilos) e gravuras de entalhe, explora diferentes formas e composições recortando fundos, dividindo e desdobrando espaços, como na xilogravura *Da noite* (Figura 5), de 2010, misturando elementos e, ocasionalmente, criando narrativas. Por vezes, os elementos parecem flutuar no espaço, como nas xilogravuras *Sonhar I* e *Sonhar II* (Figura 6 e Figura 7), de 2009, frente e verso de uma mesma imagem.

Em algumas gravuras, como as da série de xilogravuras que compõe o álbum *Procura-se* (Figura 8, Figura 9 e Figura 10), de 2012, com sua goiva, tão afiada quanto sua percepção, Magliani apresenta composições em formato de retrato onde os torsos ostentam objetos variados à guisa de cabeça, quando não uma cabeça virada, ou mesmo uma cabeça transpassada por um serrote. São gravuras enigmáticas e não despidas de tensão.

Magliani nos indaga e confronta incessantemente. Seu traço, aliado aos elementos recorrentes em sua poética, apresentam objetos contundentes, corpos amarrados, torcidos, perfurados, em linhas enérgicas e precisas e não nos trazem qualquer conforto.



Figura 5 · Magliani, *Da noite*, xilogravura, 30,5 x 37,5 cm, 2010. Fonte: Estudio Dezenove.

Figura 6 · Magliani, *Sonhar I*, xilogravura, 19,2 x 28,7 cm, 2009. Fonte: Estudio Dezenove

Deixando um legado artístico inestimável, Magliani foi uma artista de seu tempo que marcou profundamente toda uma geração. Certamente, não foi fácil ser Magliani, viver este período como artista, mulher e negra. Em 1977, no texto de introdução à entrevista com Magliani, a repórter previne: “Sua figura miúda por certo decepciona um pouco as pessoas que não a conhecem senão através de seus trabalhos que, de tão fortes, quase sempre dão a impressão de terem sido feitos por um homem”. Naquele momento Magliani, que alcançava projeção no cenário das artes, expressou surpresa ao ser questionada sobre as dificuldades que teria pelo fato de ser negra. Mesmo reconhecendo haverem dificuldades, logo encerrou o assunto declarando: “Minha cabeça não tem cor.” (Liane dos Santos, *As mulheres gordas de Magliani: um espasmo corporal* apud *Entrevistas*, s/d).

Dez anos depois, em 1987, com grande repercussão, Magliani realiza a mostra *Auto-retrato dentro da jaula*, no MARGs. Um encontro com a artista foi realizado e, com base neste, também uma entrevista com João Carlos Tiburski, Editor do Boletim Informativo do MARGs. Tiburski pergunta a Magliani sobre a negritude em sua obra, e Magliani reitera: “Ser uma pessoa de cor negra não interfere em nada na minha pintura e não entendo a sempre presente preocupação das pessoas com este aspecto.” (apud *Entrevistas*, s/d).

Em depoimento de 2017, o artista Mário Röhnelt (Pelotas, 1950 — Porto Alegre, 2018), comenta de sua admiração por Magliani, que conhecera por 1970, e pontua:

A arte da Magliani era, sem dúvida alguma, uma obra de resistência social a gritar alto “as coisas não estão bem”. Alguns anos mais tarde, Magliani negaria que sua pintura estivesse a serviço do protesto. Não importa. Eu entendi esta negativa dela, não como traição a algum discurso rebelde, mas como um esforço para que sua pintura fosse vista como linguagem expressiva, uma sucessão de gestos fortes e contorcidos que configuravam personagens atormentados. Creio que ela gostaria que assim fosse descrito o seu trabalho. Como que almejando falar de uma condição humana que extrapola a mesquinhez do dia-a-dia. Que sua obra fosse uma declaração universal (e o é, certamente).

Röhnelt segue comentando que, para ele e Milton Kurtz, Magliani tinha “chegado lá”. Mas reconhece que isto era um engano, que ela “continuava heroica e firme enfrentando a precariedade da sua vida e de um sistema cultural com capacidade bastante limitada para reconhecer seus artistas”. Mesmo sabendo que Magliani não concordaria com o uso do termo “heroica”, ele declara: “Me perdoa Magliani querida, de onde estiver, mas poxa, é que tu enfrentastes [sic] muita coisa: ser mulher, negra e artista plástica. Tenho que reconhecer em ti o talento, mas também a força heroica” (Mário Röhnelt apud *Depoimentos*, s/d).



Figura 7 · Magliani, *Sonhar II*, xilogravura, 18,5 x 28,1 cm, 2009. Fonte: Estudio Dezenove

Figura 8 · Magliani, do álbum *Procura-se*, xilogravura, 35 x 26 cm, 2012. Fotografia: DelRe_VivaFoto Fonte: Galeria Tina Zappoli (<http://brasilartgaleria.com.br/>)



Figura 9 · Magliani, do álbum *Procura-se*, xilogravura, 35 x 26 cm, 2012. Fotografia: DelRe_VivaFoto Fonte: Galeria Tina Zappoli (<http://brasilartegaleria.com.br/>)



Figura 10 · Magliani, do álbum *Procura-se*, xilogravura, 35 x 26 cm, 2012. Fonte: Estudio Dezenove (<https://www.estudiodezenove.com/-acutelbuns-experiecircncia-muacuteltipla.html>)

Magliani participou de importantes exposições coletivas como o Projeto Co-Nexus — Museum of Contemporary Hispanic Art, Nova York, EUA; da Bienal Latino Americana de Arte sobre Papel, Buenos Aires, Argentina; de várias edições do Panorama da Arte Brasileira Atual — Museu de Arte Moderna de São Paulo; da XVIII Bienal Internacional de São Paulo; do VII Salão Nacional de Artes Plásticas — FUNARTE/Rio de Janeiro; além de ter realizado numerosas exposições individuais, para citar algumas, apenas em 1987 Magliani expôs nas Galerias Tina Zappoli, Porto Alegre; no Espaço Capital, Brasília; na Paulo Figueiredo, São Paulo; e na Galeria Van Gogh, Pelotas, no Brasil. Sua obra encontra-se em importantes acervos e coleções brasileiras.

Por quatorze anos, de 1998 a 2012, Magliani manteve vínculos e trabalhou no Estudio Dezenove, no Rio de Janeiro, coordenado por Julio Castro. Em 2013, Julio Castro, com anuência dos herdeiros da artista, instituiu junto ao Estudio Dezenove o Núcleo Magliani que, desde então, tem promovido diversas ações buscando preservar a memória, as obras, as documentações e a fortuna crítica desta grande artista brasileira.

Referências

Depoimentos. (s/d) Núcleo Magliani. Estudio Dezenove. [Consult. 2018-11-05]
Disponível em URL: <https://www.estudiodezenove.com/depoimentos.html>

Entrevistas. (s/d) Núcleo Magliani. Estudio Dezenove. [Consult. 2018-11-05]
Disponível em URL: <https://www.estudiodezenove.com/entrevistas.html>